

Vasco Graça Moura

a puxar ao sentimento

trinta e um fadinhos de autor

a puxar ao sentimento

quis ao fado dar meu nome I

com um travo de amargura
quis cantar o fado a sós
e uma tristeza sem cura,
mais negra que a noite escura,
pôs sombras na minha voz.

fiz assim da minha vida,
de quanto amei e sofri,
uma inocência perdida
pela culpa consentida
de apenas te amar a ti

e nessa turva ansiedade
o destino atraçou-me
a fingir que eras verdade
e que de livre vontade
ao fado eu dava o meu nome

mas estava tudo errado
foi a minha triste sina

quis dar o meu nome ao fado
e quando olhei para o lado
só vi trevas e neblina

mas que nome lhe daria
a pensar em quem mais amo
se de dia para dia
a viver esta agonia
já nem sei como me chamo

quis ao fado dar meu nome II

quis ao fado dar meu nome
com um travo de amargura
e ao cantar o fado a sós
por entre as sombras chamou-me
uma tristeza sem cura,
mais negra que a noite escura,
que me pôs sombras na voz
quando ao fado dei meu nome.

quis ao tango dar meu nome
e nessa turva ansiedade
de quanto amei e sofri
o destino atraçou-me
e ao fingir que eras verdade
a verdade atrapalhou-me
quando eu de livre vontade
ao tango dava o meu nome

quis ao samba dar meu nome
mas estava tudo errado

tudo vinha mascarado
e esse carnaval marcou-me
sambei tu sambaste eu vou-me
entre as trevas e a neblina
mal o sol se descortina
e ao samba dou o meu nome

fado tango samba havia
de fugir a cada passo
enleada no embaraço
da própria melancolia
prefiro dançar descalça
e fazer o meu teatro
ao compasso de uma valsa
três por quatro três por quatro

amar-te corpo a corpo

se é esta a doce lei que eu imagino
do amor que nos impõe o seu ditado,
amar-te corpo a corpo é o meu fado
e amarrar-me a ti o meu destino

sentir a própria alma em carne viva
respirar boca a boca e nesse jogo
atravessar-me em fogo no teu fogo
e alimentá-lo a beijos e saliva

se mais atino quando desatino
por meus jeitos de amor alvoroçado
é no alto mar revoltado e desvairado
que entre peripécias loucas me declino,

sendo cada carícia a mais lasciva
a inventar seus rumos afinal
na pura escuridão, na mais carnal,
que me cativa a mim e te cativa

entre as línguas, os sorvos, as gargantas,
doces gemidos, ternas resistências
e violências brandas, impaciências,
e tantas mais carícias, tantas, tantas

fado da cabra-cega

no dia triste em que te foste embora
toda a luz de lisboa escureceu
e nas águas do tejo anoiteceu
com nuvens, vento e chuva, barra fora.

terá sido o destino, o mau olhado,
a triste sina, o azar que nos destrói,
o demónio interior que é também fado
e que nos dói na alma e a corrói,

fosse o que fosse, fosse como fosse,
enredou-se no tempo o coração
e cada hora passada só me trouxe
praias rasas de névoa e solidão

dei-te o meu corpo e era uma falua
cortando ágil o rio à lua cheia,
mas tu partiste e eu já não sou tua,
fico presa nas algas sobre a areia.

se a alma que eu te dei era uma vela
e agora esfarrapada não navega,
eu vou de olhos vendados atrás dela
e o fado joga assim à cabra-cega

jogos de fado e destino I

jogos de fado e destino
são no fado o mais vulgar
quando o fado faz o pino
para na letra expressar
jogos de fado e destino

jogos de destino e fado
não lhe ficarão atrás
anda o destino enfadado
por ser o fado que traz
jogos de destino e fado

e amor, saudade e ciúme,
e a vida, a boa-vai-ela...
vem no fado esse perfume,
e a névoa, o vinho, a viela,
e amor, saudade e ciúme

jogos de fado e destino II

jogos de fado e destino / já se sabe
são no fado o mais vulgar / e bem se sente
quando o fado faz o pino / mas não cabe
nas palavras que encontrar / quando não mente

jogos de destino e fado / a nossa vida
não lhe ficarão atrás / mas que ironia
anda o destino enfadado / ah, despedida
e anda o fado em horas más / melancolia

e amor, saudade e ciúme, / sentimento
e a vida, a boa-vai-ela... / isso era outrora
vem no fado esse perfume, / esse lamento
e a névoa, o vinho, a viela, / onde alguém chora

mal te avistei percebi

meu amor, quando em lisboa
dei contigo a certa altura,
se então era noite escura,
teu olhar iluminou-a.

mal te avistei, percebi
quanto te amava, porém
não é senhor de ninguém
quem não é senhor de si.

só ouvi sinais de alarme
por entre as nuvens de fumo,
fiquei sem norte e sem rumo
e tive de conformar-me

já então o meu desejo
tinha o travo da saudade
e em sombra e claridade
espelhava-se no tejo,

e em cada noite perdida
sei que vais amar-me a prazo
eu porém não faço caso
e hei-de amar-te toda a vida

fado elitista

beije-te a boca a tremer,
depois apagou-se a luz,
juntámos os corpos nus
e eu senti que ia morrer.

nessa morte sem pudor
as mãos eram indecentes
e dos gestos mais ardentes
vinham gemidos de amor

dávamos beijos famintos,
fomos dois vulcões de lava,
e a vida ressuscitava
dentro dos nossos instintos

e entre afagos e lençóis
as salivas coruscantes
dos prazeres mais lancinantes
modulavam-se em bemóis

assim cortámos a amarra:
no fadinho tudo é lícito
e eu quero mais sexo explícito
na cama de uma guitarra

fado triste

noite fechada, rua deserta, horas perdidas,
luz apagada, a porta aberta, às escondidas,
sombra que passa, lua sem rumo, águas do rio,
viela baça, álcool e fumo, fado vadio

num sobressalto, em tempo incerto, o coração
voou tão alto e andou tão perto, e foi em vão,
e de amarguras, do sofrimento, do negrume,
só falsas juras, esquecimento, cinzas sem lume

tudo o que espero e oxalá eu nunca esqueça
tudo o que quero embora já não aconteça
não que eu sentisse que para ti era uma afronta
tudo o que disse e repeti vezes sem conta

mas o que sei, dentro de mim, desfaz-se em pranto,
porque te amei, amei-te assim, e amei-te tanto
que a dor ondula, e agora existe em vez de nós,
e me estrangula, em fado triste, a própria voz